

**INTERROGAÇÕES SOBRE A VIOLÊNCIA À LUZ DA PSICANÁLISE FREUDO-
LACANIANA
ENTREVISTA COM CÁSSIO MIRANDA**

**QUESTIONS ABOUT VIOLENCE IN THE LIGHT OF FREUDO-LACANIAN
PSYCHOANALYSIS
INTERVIEW WITH CASSIO MIRANDA**

DOI 10.20873/uft2179-3948.2021v12n1p220-226

**João de Deus Leite¹
Ernesto Sérgio Bertoldo²
Janete Silva dos Santos³**

Esta entrevista compõe o dossiê “Arquivo, Sujeito e Memória em discursos sobre a violência no Brasil”, na Revista Entreletras, em seu volume 2, número 1, de 2021, organizado pelos professores Dr. Ernesto Sérgio Bertoldo (UFU), Dra. Lúcia Maria de Assis (UFF), Dra. Janete Silva Santos (UFT) e Dr. João de Deus Leite (UFT). O Prof. Dr. Cássio Miranda é professor da Universidade Federal do Piauí (UFPI), estando ali filiado ao Programa de Pós-Graduação em Saúde e Comunidade (Saúde Coletiva) e ao Programa de Pós-graduação em Saúde da Família (Mestrado Profissional - RENASF) do Centro de Ciências da Saúde, como professor permanente. Ele é graduado em Psicologia Clínica e Licenciatura Plena em Psicologia pela Faculdade de Ciências Humanas da Universidade FUMEC; é bacharel em Teologia pela Faculdade Batista de Minas Gerais; é mestre em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG); é doutor em Estudos Linguísticos pela UFMG; é doutor em Psicologia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), com período de aperfeiçoamento na Universidade de Lisboa.

O Prof. Dr. Cássio Miranda realizou estágio pós-doutoral em Análise do Discurso pela UFMG (2009 - 2011). Ele é pós-doutor em Educação na linha Psicanálise, Psicologia e

¹ Doutor em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Uberlândia; professor adjunto na Universidade Federal do Norte do Tocantins; coordenador do Programa de Pós-graduação em Demandas Populares e Dinâmicas Regionais (PPGDire) da Universidade Federal do Norte do Tocantins. E-mail: joãodedeus@uft.edu.br

² Doutor em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas; professor titular da Universidade Federal de Uberlândia; professor permanente no Programa de Pós-Graduação em Estudos Linguísticos da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: esbertoldo@gmail.com

³ Doutora em Linguística Aplicada pela Universidade Estadual de Campinas; professora associada na Universidade Federal do Norte do Tocantins; docente permanente do Programa de Pós-Graduação em Letras da Universidade Federal do Norte do Tocantins. E-mail: janetesantos@uft.edu.br

Educação pela Faculdade de Educação da UFMG (2019 - 2020). É Especialista em Educação-Afetivo Sexual pela UEMG e possui formação em Psicanálise pelo Instituto de Psicanálise e Saúde Mental da Escola Brasileira de Psicanálise - Seção Minas. É membro do Grupo de Trabalho Psicanálise e Educação da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisas em Psicologia e coordenador do Núcleo de Estudos Lacanianos (NEL) de Teresina (Iniciativa Escola de Psicanálise do Fórum do Campo Lacaniano). Ele coordena o Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade (NIPSEC) e desenvolve pesquisa-intervenção clínica e pedagógica sobre os sintomas escolares: problemas de aprendizagem, distúrbios de comportamento, mal-estar docente, violência, sistema socioeducativo e outras formas de manifestação do fracasso escolar, na interface da psicanálise, educação e saúde coletiva.

Considerando essa trajetória de formação do Prof. Dr. Cássio Miranda, sobretudo os seus trabalhos desenvolvidos no NIPSEC, os organizadores pensaram, de imediato, em seu nome para a realização desta entrevista. As perguntas desta entrevista foram formuladas e enviadas por *e-mail* para o Prof. Dr. Cássio Miranda no início do mês de maio de 2021. No dia 10 de maio deste ano, a entrevista, agora com as formulações do entrevistado, foi endereçada aos organizadores do dossiê. Em 25 de maio de 2021, após os rituais de avaliação da Revista Entreletras, a entrevista foi aceita.

Não seria possível enfrentar a temática deste dossiê sem a presença sensível e perspicaz do aporte teórico-analítico da Psicanálise freudo-lacaniana. Por meio desta interlocução com o referido professor, tomamos por princípio dar a perceber ao leitor muitos pontos (entre)vistos sobre o nosso tempo atual. E, na esteira dessa transmissão de pontos (entre)vistos, somos levados a construir uma parte dessa história com e a partir dos sintomas no laço social no Brasil. Desse (des)encontro feliz, marcado pela dinâmica assíncrona entre entrevistado e entrevistadores, nascem interrogações que põem em suspensão tantos Brasis, como sintoma social no Brasil.

Entrevistadores: Conte-nos um pouco sobre o seu percurso na Psicanálise freudo-lacaniana, abordando, sobretudo, a formação do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade (NIPSEC), sob a sua coordenação.

Cássio Miranda: Primeiramente gostaria de lhes agradecer pelo convite e pela oportunidade de participar deste dossiê temático acerca de um tema tão necessário e importante. Meu percurso na psicanálise freudo-laciana começou na graduação em psicologia, em meus anos finais de curso, quando me deparei com professores psicanalistas com os quais criei transferências de trabalho. Daí, comecei a participar das atividades da seção “Minas” da Escola Brasileira de Psicanálise – curso de psicanálise, cartéis, núcleos de pesquisa, seminários e eventos -, além de obviamente ter iniciado minha análise. Com minha aprovação no concurso da UFPI, imediatamente elaborei um projeto de criação e funcionamento do Núcleo Interdisciplinar de Pesquisas em Psicanálise, Educação e Contemporaneidade. O núcleo foi criado em agosto de 2014 e é um órgão vinculado ao Departamento de Fundamentos da Educação do Centro de Ciências da Educação da UFPI e voltado, exclusivamente, para organização e implementação de atividades acadêmicas. Seu objetivo principal é congrega professores e estudantes de níveis e instituições variados, em atividades como simpósios, seminários, grupos de discussão sobre objetos e temas específicos do campo da Psicanálise em sua interface com a Educação. Para tanto, esforça-se para estabelecer uma proposta interdisciplinar de trabalho, com vistas à discussão de temas contemporâneos que interessam a esse campo. Tal proposta se orienta pelos estudos de Sigmund Freud e de Jacques Lacan, além de psicanalistas contemporâneos, cuja visada é a investigação em torno de temas como a sexualidade, a segregação, a violência, o fracasso escolar, o mal-estar docente, a toxicomania, os novos modos de vida, as variadas formas de mal-estar, sofrimento psíquico e sintoma presentes em nossa época, dentre outros.

Entrevistadores: De seu ponto de vista, como a Psicanálise freudo-laciana nos ajuda a compreender a constituição na violência na cultura?

Cássio Miranda: A psicanálise nos ajuda a compreender a violência tomando-a, inicialmente, como um sintoma social de nossa época, isso porque ela nos auxilia investigar os modos como a pulsão de morte é vivida atualmente. Isso implica que cada época vive sua pulsão de morte de maneira diferenciada. Por exemplo: quando Freud cunhou esse conceito, em 1920, era o momento final da 2ª guerra mundial, e a pulsão de morte se apresentava de um modo; em nossa época, tempos de uma guerra na qual estamos expostos, que é a guerra contra o novo coronavírus, além de outras formas de violência pelas quais temos passado, a pulsão de morte mostra sua face de outra maneira. De todo o modo, talvez o mais importante é saber que a violência deve ser vista como um ato e, enquanto tal, ele é um produto da civilização que precisa

do registro simbólico da linguagem. Ademais, a psicanálise, andando nesse terreno pantanoso que é o da violência, nos ajuda a reconhecer uma espécie de “humanidade do mal”, como nos diz Jacques-Alain Miller, ela nos ajuda a pensar também que a violência não pode ser naturalizada a ponto dos atos violentos serem banalizados. Do ponto de vista de sua constituição, a psicanálise pensa a violência como uma das manifestações da pulsão de morte, mas também em como as palavras e os dispositivos podem tanto dar um tratamento à essa pulsão quanto amplificá-lo.

Entrevistadores: De seu ponto de vista, como a Psicanálise freudo-lacaniana, na condição de dispositivo teórico e analítico, possibilita analisar e problematizar discursos sobre a violência? Há algum teórico ou trabalho, nessa perspectiva, a ser citado para o público leitor?

Cássio Miranda: A psicanálise é um dispositivo teórico-analítico que nos possibilita a pensar os discursos sobre a violência pensando também na violência dos discursos. Se por um lado temos os discursos sobre a violência, dos quais a psicanálise também é um desses discursos, ou seja, a psicanálise é um discurso porque também se coloca, a partir de uma rede de referenciais, como um dispositivo interpretativo que se propõe a pensar a violência da forma como temos falado até agora; por outro lado, há a violência do discurso, que é aquela que se expressa nas variadas formas de organização discursiva que encontramos, seja institucionalizada ou não. A meu ver, uma maneira de melhor organizar a análise, a partir do referencial freudo-lacaniano, é tomar a perspectiva das modificações simbólicas pelas quais o contemporâneo tem passado e colocar isso em forma de “figuras da violência”. Nesse sentido, sigo a psicanalista Elise Pestre. Ela propõe uma *ampliação* da discussão da segregação através da categoria de *figura*, articulada sob a forma das “figuras da segregação”. Essa categoria se refere, segundo ela, a “uma pluralidade de aspectos, aparências e manifestações mediante as quais se pode reconhecer uma mesma forma”. A meu ver, a ideia de forma se organiza por uma espécie de lógica da forma identitária, engendrada no/pelo discurso, que produz categorias como formas de *organização* tendo em vista que Lacan mesmo nos advertiu que a segregação tem a ver com a identificação. Desse modo, os traços identitários que podem ser vistos na mesma forma, apontam para as manifestações problemáticas da subjetividade na atualidade. Assim, cada forma de existência-resistência, cada modalidade de subjetividade que se apresenta como uma nova dificuldade ou questionamento ao funcionamento da lógica civilizatória, marcada pelo

laço social neoliberal, corresponde à produção de uma figura da segregação, uma categoria que coloca cada um no seu lugar. O lugar, nesse caso, é um lugar fora do espaço comum a todos e daí a segregação. A meu ver, pensar pela lógica nocional das “figuras” pode ser uma boa maneira teórico-analítica de se pensar nos discursos da violência hoje em dia. A nossa sociedade hoje nos apresenta algumas figuras da segregação e a decorrente violência discursiva produzida contra elas. Temos hoje o toxicômano, que também é chamado de viciado, dependente ou de adicto; o autista, o imigrante, o homossexual, sobretudo transexuais e travestis, ainda, o louco e o comunista, são algumas dessas *figuras* segregação de nosso tempo. Eles são assim vistos porque são personagens tomados como problemáticos, seja por não se adequarem à lógica das normas do sistema, ancorados no discurso do capital e até mesmo da ciência, seja por se recusarem a tomar parte do laço social orientado pela ordem simbólica de nossa sociedade. A partir disso, podemos pensar com Freud, seja a partir dos chamados textos sociais, seja com Lacan, em diversos de seus seminários, sobre os discursos do capital e do laço social, mas também com Colette Soler e Jacques-Alain Miller. Para ser mais tupiniquim, sugiro a leitura dos trabalhos mais recentes de Christian Dunker discutindo as patologias do social. Digo isso porque, para mim, abordar fenômenos como violência e segregação supõe não desconsiderar a realidade social e suas particularidades. Isso é o que nos permite também colocar a violência como um discurso e daí analisá-la enquanto tal.

Entrevistadores: De seu ponto de vista, qual seria a chave de leitura para compreendermos o acirramento da formulação, sobretudo da circulação, de discursos de ódio no Brasil atual?

Cássio Miranda: Para mim, a chave de leitura é o conceito freudiano de identificação. Para mim este é o ponto de partida que nos permite começar a compreender os fenômenos de massa e, mais ainda, o individualismo de massa pelo qual passamos hoje. No entanto, para mim, é preciso pensar também no falicismo presente em certas figuras condensadoras de identificação que temos hoje no Brasil e a dessubjetivação do espaço social como forma de funcionamento de nosso laço social.

Entrevistadores: De seu ponto de vista, a interrogação dos discursos de ódio no Brasil atual faz trabalhar qual interrogação sobre certo imaginário de brasilidade?

Cássio Miranda: Para mim, antes de tudo, o psicanalista deve estar à altura das problemáticas de sua época, conforme nos adverte Lacan. Orientado por esta posição, que para mim é uma posição ética, cabe a ele fazer furo nos discursos do mestre presentes na sociedade. Do ponto de vista do imaginário de brasilidade que temos, uma das formas de fazer furo é interrogar o ideal de cordialidade que nos acompanha faz tempo. Se o ideal, por um lado, orienta o sujeito, por outro ele o apaga. Um ideal de cordialidade é interessante porque pode nos orientar em novas formas de estabelecer laço social. Por outro lado, esse ideal assolapa o sujeito social na medida em que ele não nos permite reconhecer a violência que nos constitui como povo. É essa falta de reconhecimento que faz persistir as formas de segregação e racismo que o Brasil sustenta. Para encerrar esta entrevista, gostaria de destacar que o Psicanalista, ao se deparar com as recorrentes e as variadas cenas de violência de nossa época, deve se colocar não como o porta-voz de uma nova pastoral na pólis, ou como um “poeta de um mundo caduco”, mas sim como aquele que interroga os discursos circulantes na teia social visando à produção de um novo saber. Sendo assim, uma psicanálise de orientação lacaniana nos permite sempre reconhecer que o público é o lugar do diverso, do múltiplo, do vário. Insistir no discurso único, cimentado pela lógica da homogeneidade, só faz aumentar a tensão e reafirmar a ideia de que isso não funciona. Quando, nesse cimento, não se abrem brechas para as variadas saídas que cada um inventa e em nome de uma suposta paz social se instala uma ordem de ferro, tal atitude é capaz de revelar o domínio da pulsão de morte de forma cada vez mais espetacularizada e bárbara. Como bem nos diz o saudoso Célio Garcia, “A política da psicanálise é a favor da diversidade” e isso só faz apontar para a dimensão de que sustentar o laço social em meio à diversidade, talvez, seja um bom começo para a redução das formas de violência presentes nesse país marcado pela “ordem” de ferro que quer o “progresso” a todo custo.

Recebido em: 10 de maio de 2021.

Aceito em: 25 de maio de 2021.